



COMPREENSÃO CONTEUDISTA-INGÊNUA ACERCA DE CURRÍCULO ESCOLAR: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DOS DISCURSOS DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Kelly Karine Kreuz¹

Fabiane de Andrade Leite²

Introdução

Este texto decorre de preocupações que temos com o processo de construção curricular nos espaços escolares. Em nossos estudos temos percebido que as compreensões curriculares identificadas em contextos de ensino refletem a identidade do currículo proposto na instituição. Destacamos que, nossas pesquisas perpassam as questões relacionadas às compreensões curriculares dos professores no ensino de Ciências, sendo que temos defendido pelo menos três categorias de compreensões predominantes nos discursos de professores, sendo elas: conteudista-ingênua, conteudista-crítica e crítico-reflexiva.

Destacamos que a categoria de compreensão conteudista-ingênuo sobre currículo escolar, indica “compreensões de professores relacionando currículo com documentos, um artefato construído sem a participação dos professores” (KREUTZ e LEITE, 2019, p. 07). Ainda a compreensão curricular sob a perspectiva conteudista-crítica, revela uma “compreensão de professores relacionando o currículo com uma grade curricular organizada fora da escola, porém com indícios de algum reconhecimento, da relevância da sua participação no processo” (KREUTZ e LEITE, 2019, p. 08). E o currículo escolar sob uma compreensão crítico-reflexiva,

[...] caracteriza compreensões mais qualificadas de currículo, em que os professores se reconhecem no processo de construção curricular. Nessa compreensão curricular um dos elementos centrais é a reflexão, ao refletir sobre a sua prática, acerca do currículo que está compondo a sua atividade, o currículo vai sendo construído pelo

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências PPGEC – Universidade Federal Fronteira Sul - UFFS – Campus Cerro Largo/RS - Brasil. kelly.kkk@hotmail.com

2 Doutora em Educação nas Ciências. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências PPGEC – Universidade Federal Fronteira Sul - UFFS – Campus Cerro Largo/RS – Brasil. fabianeandradeleite@gmail.com



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

próprio professor, ao se dar conta do que precisa melhorar, do que pode fazer diferente, do que deve adaptar à sua realidade e a de seus alunos (KREUTZ; LEITE, 2019, p. 08).

Assim, neste trabalho apresentamos uma discussão acerca da compreensão conteudista ingênua, que temos identificado de forma mais recorrente nos estudos realizados. Ressaltamos, que pesquisar e refletir acerca de currículo escolar é urgente e desafiador, pois, na medida em que, vivenciamos diferentes realidades escolares, suscitam inquietações acerca de compreensões subjetivas de currículo. Tais compreensões podem se configurar como barreiras ao processo de construção curricular na escola, conforme destacado em estudos já realizados acerca da compreensão de currículo dos professores que evidenciam dificuldades de interpretação das políticas (LOPES, 2005). Entendemos, que o professor pode construir e reconstruir permanentemente a prática, no sentido de minimizar o distanciamento dos interesses locais e globais e, com isso, tornar-se um autor de seu próprio currículo reconhecendo-se como parte dele.

Ainda, reconhecemos que diversos autores têm analisado discursos curriculares (MOREIRA, 2002; LOPES, 2004; LOPES; MACEDO 2011), buscando contemplar aspectos das compreensões de professores em atividade na escola e os discursos oficiais. Nesse sentido, reiteramos a relevância e atualidade do estudo, ora apresentado, ao ser realizado em contexto escolar considerando que novas perspectivas curriculares têm chegado às escolas, a partir de 2019/2020. Circunstância em que suscita, nas escolas, discussões acerca de um novo currículo para as áreas e, em que o currículo está sendo constantemente retomado, exigindo, dos professores em exercício e pesquisadores da área de currículo, um permanente estado de alerta.

Dessa maneira, discutir a temática das construções curriculares nos processos de formação de professores, mais especificamente, analisar discursos de professores acerca da produção do currículo no contexto escolar, com foco no ensino de Ciências, nos remete à necessidade de problematizar as deficiências e equívocos dos recortes curriculares formativos, não apenas no nível técnico e metodológico, mas prioritariamente, chamando a atenção para a inexistência de espaços e possibilidades de os professores e futuros professores refletirem criticamente sobre as compreensões e os conhecimentos acessados na formação.



Com essas considerações, o objetivo do presente estudo é analisar aspectos que caracterizam a compreensão conteudista ingênua acerca de currículo de professores de Ciências em atividade na Educação Básica.

Os aspectos teórico-metodológicos do presente estudo estão pautados em um estudo empírico, realizado com professores da área de Ciências da Natureza do Instituto Estadual de Educação Cristo Redentor do município de Cândido Godói/RS, na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Para a realização da coleta de dados a pesquisa obteve aprovação prévia do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Para o processo, realizamos o estudo em colaboração com a direção da escola, sendo que foram organizadas entrevistas que foram gravadas e posteriormente degravadas, com um total de seis professores da área de Ciências da Natureza. É importante salientar, que as questões da entrevista foram elaboradas com o intuito de identificar, por meio das respostas dos professores, as compreensões de currículo, que tem sido o nosso objetivo principal ao longo de nossos estudos até o momento. Ao longo da discussão utilizamos a indicação P1, P2, e assim sucessivamente para preservar a identidade dos participantes.

A pesquisa é de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, conforme proposto por Lüdke e André (2013). Os resultados foram produzidos com base na análise de conteúdo de Bardin (2011), a partir da qual filtramos aproximações nas falas dos professores que evidenciam a compreensão curricular. No processo de análise, retomamos categorias que evidenciam compreensões de currículo, identificadas, e, que caracterizam o processo de agrupamento das compreensões dos professores apresentadas em estudos acadêmicos analisados por meio de uma revisão bibliográfica, porém para o presente texto, elencamos a categoria compreensão conteudista-ingênuo sobre currículo escolar para a discussão dos resultados encontrados, nessa categoria foram alocadas as falas dos professores P1, P2, P4, P5, P6.

A opção por focar a problematização em apenas uma das três categorias está baseada no fato de que essa tem sido a compreensão curricular que mais tem nos preocupado ao longo de nossas pesquisas. A partir dessas considerações, apresentamos na sequência, alguns resultados obtidos a partir da análise e algumas problematizações.



Resultados e discussão

Nesta seção apresentamos alguns resultados e discussões ao investigar as compreensões de currículo de professores da área de Ciências da Natureza em exercício em escola pública no Brasil. Destacamos, nesse sentido, que a categoria compreensão conteudista-ingênuo sobre currículo escolar está alicerçada em características que a tornam peculiar, como por exemplo, nela, as compreensões curriculares identificadas possuem traços de ingenuidade, em que o currículo é entendido como algum objeto, instrumento do qual os professores e todo o seu arcabouço pedagógico e metodológico se tornam refêns.

A categoria compreensão conteudista-ingênuo sobre currículo escolar é caracterizada por compreensões de professores em que o currículo, e, igualmente a sua construção, é percebido como algo que ocorre distante deles, afastado da realidade da escola, o que remete a apontar para uma tendência quanto à ingenuidade por parte dos professores que, ao longo de sua prática pedagógica operam como se fossem robôs. Conforme Lopes e Macedo (2011, p. 154), os professores em atividade na Educação Básica, “naturalizam currículos prescritos (ou tradicionais), sem questionar de onde vêm os conteúdos a serem ensinados”, distribuindo conteúdos pré-estabelecidos por outras pessoas, de outras realidades sociais e econômicas, sem questionarem o porquê da importância deste ou daquele conteúdo, tais características deflagram certa ingenuidade do professor.

Nessa direção, concordamos com Braga (2005) ao defender em seus estudos que, “os professores sentem-se afastados da elaboração dos currículos e programas oficiais que norteiam a Educação Básica” (BRAGA, 2005, p. 27), e essa é uma questão que se evidencia de forma clara nos discursos de alguns professores alocados nesta categoria.

Ainda, encontramos na pesquisa realizada por Melo (2016) aspectos que reforçam os indícios dessa categoria, como por exemplo, o fato de que, segundo o autor, os professores conviverem

[...] com documentos oficiais que, embora com status prescritivo de aprendizagens desejadas, mas sem natureza de currículo, designam ou fazem referência a desempenhos (habilidades) cuja compreensão ou tradução para as atividades cotidianas de ensino e de avaliação impõem conhecimentos adicionais (MELO, 2016, p. 61).



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

Da mesma forma, Melo (2016, p. 104), constatou em suas pesquisas que “há um abismo entre a prática docente e as avaliações em larga escala, pois as intenções não se conectam”.

Nesse contexto, destacamos o discurso de P1, em que o professor demonstra uma compreensão conteudista acerca do currículo no ensino de Ciências indicando uma preocupação em vencer o conteúdo que é proposto. Aspectos que denotam certa ingenuidade também são identificados nessa compreensão, uma vez que o professor demonstra sua conformação em seguir aquilo que é proposto por quem não conhece a realidade da sala de aula, deixando a autoria do currículo por conta de outras pessoas, num sentido de currículo hierarquizado. Ao se referir a seleção dos conteúdos o professor afirma que,

Porque no início do ano daí eles te dão, tipo, os conteúdos né, os conteúdos programáticos...A coordenação, a coordenação dá, é...os conteúdos programáticos...aí tu vai seguindo aquilo se tu vê que tu não vai conseguir trabalhar tudo esse conteúdo até o final do ano, tu vai selecionando os mais importantes (P1).

Ao se referir a outras pessoas que são responsáveis em repassar os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula P1 indica a compreensão conteudista-ingênuo. Além desses aspectos destacados anteriormente, em que focalizamos alguns elementos da categoria conteudista – ingênuo, apresentamos ainda a fala de P4 e P6, respectivamente, ao comentar sobre aulas práticas, em seus discursos, os professores afirmam,

*Ah, eu passo bastante, ah, primeiro texto lá lógico, que a gente introduz, faz primeiro questionamento, depois dos conceitos, passa um pouco da teoria e depois quando possível eu gosto muito da prática, né? Porque é na prática quando eles mesmo podem manusear manipular e ver as coisas como acontecem e aí que eles gravam realmente o que o que é precisa ser gravado, o que precisam aprender. (P4)
[...]atividades práticas, né, há, no caso, fenômenos físicos, né, que nem, esse ano já teve né, vai ter denovo, se conseguir uma brecha no tempo. (P6).*

A problematização dessas falas nesta categoria se dá por conta dos professores em questão, condicionarem a realização de aulas práticas ao tempo disponível para tal, como se as aulas práticas fossem apenas um complemento realizado caso haja tempo para tal. A partir dessas colocações, é importante salientar que compreendemos que a sobrecarga de horas-aula muitas vezes impede o professor de ter um tempo adequado para um planejamento qualificado e diversificado, porém, ao mesmo tempo, questionamos, sem culpabilizar ninguém se, entender a realização da aula prática apenas como algo para preencher o tempo é a relevância



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

ideal que se deva dar a essa atividade? Uma vez que o próprio professor P4 reconhece a potencialidade da aula prática ao final de sua fala, reafirmando que ela é importante para que o aluno grave e aprenda determinado conteúdo.

Seguindo com a problematização dos nossos resultados apresentamos a fala do professor P6, em que afirma:

Então existem muitas crenças a respeito das ciências né, então isso eu já sei né, então isso tá na minha cabeça, tá na cabeça de todo mundo. Então já tem esse conhecimento prévio né, mas mesmo assim, nunca se consegue atingir uma meta de 100%, é interesse de cada um. Às vezes até, não é que me frustra, mas mesmo eu falando óh, a ciência determinou isto, isto e isto né, os alunos não concordam. É só se fosse fazer uma prova normal, ou no papel daí eles botam, mas depois já volta ao normal né.

Nessa colocação, destacamos indícios de ingenuidade curricular ao apontar a ciência como uma verdade absoluta e imutável, e, de certa forma cobrar isso dos alunos, que eles precisam acreditar em tudo o que se comprova cientificamente. Ainda, em relação a avaliação, o professor diz, “se fosse fazer uma prova”, mas “depois volta ao normal”, levantamos um questionamento para reflexão, se depois da avaliação o aluno “volta ao normal”, será que essa estratégia de aprendizagem foi significativa para o aluno? São questões que apenas levantamos para suscitar uma pequena reflexão em torno do assunto.

Dessa forma, encontramos no estudo realizado por Tamanini (2018), aspectos que poderiam contribuir com essa questão apontada na fala do professor P6, pois, é fundamental que o professor esteja ciente da sua autonomia como docente, no sentido de propor estratégias e metodologias que sejam significativas para os seus alunos, se tornando assim um autor do currículo de sua escola, nesse sentido, Tamanini (2018), defende que

[...] os currículos (assunto de relevância e de uma vastidão de pesquisas importantes, porém, que não será aprofundado neste trabalho) podem servir como significativas diretrizes para os professores no ensino de Ciências, contudo, não devem cercear a autonomia didática nem pedagógica dos professores (TAMANINI, 2018, p. 60).

As investigações acerca das compreensões curriculares têm nos evidenciado que as categorias que identificamos em nossos estudos anteriores são potencializadas a partir deste estudo empírico, uma vez que, os discursos dos professores se aproximam da categoria apresentada e contribuem para o seu entendimento. Nesse sentido, ressaltamos a importância de estudos que problematizam o currículo nos espaços escolares.



Considerações finais

Com as discussões apresentadas, reafirmamos a importância do presente estudo. Destacamos que por meio deste é possível indicar que as compreensões curriculares dos professores investigados neste estudo estão, por vezes, atreladas a uma compreensão ingênua de currículo, o que sugere um processo de transformação, que, no contexto atual é imprescindível, por conta das novas propostas curriculares que vêm sendo implantadas nas escolas públicas do Brasil.

A ingenuidade expressa nos discursos dos professores, participantes desta pesquisa, indica a necessidade de nos mantermos vigilantes com estudos que busquem investigar os contextos escolares acerca do currículo proposto ou em construção. É nessa perspectiva que defendemos e investimos em processos de formação de professores com foco em desenvolver aspectos que possam contribuir com o desenvolvimento de autonomia na tomada de decisões curriculares por parte dos professores.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1 Ed. São Paulo: Edições, 2011.

BRAGA, André. **Os saberes de professores que ensinam ciências nas séries iniciais** - um estudo de caso. 2005. 146 p. Dissertação (Mestrado em Educação – Metodologia de ensino) – Curso de pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2784?show=full>. Acesso em: 23 mar. 2019.

KREUTZ, Kelly Karine. LEITE, Fabiane de Andrade. **Compreensões de professores de Ciências acerca de currículo escolar**: uma revisão bibliográfica. *Revista Prática Docente*, 2019. (No prelo).

LOPES, Alice C. Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos? **Revista Brasileira de Educação**. Mai-ago, nº 26, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000200009. Acesso em: 15 jun. 2019.

LOPES, Alice C. Recontextualização e Hibridismo. **Currículo sem fronteiras**, v. 5, n. 2, 2005, p. 50-64. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol5iss2articles/lopes.pdf>. Acesso em 14 jun. 2019.

LOPES, Alice C.; MACEDO, Elisabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 280.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marlí E. D. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2ª ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013, p. 128.

MELO, Franklin Júlio de. **Conhecimentos profissionais da docência no ensino de ciências no contexto do programa São Paulo faz escola e do SARESP.** 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) - Programa de pós-graduação em Educação para a Ciência, Universidade Estadual Paulista– Faculdade de Ciências, Bauru, SP, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152294>. Acesso em: 23 mar. 2019.

MOREIRA, Antonio F. B. O campo de currículo no Brasil: construção no contexto da ANPED. **Cadernos de Pesquisa.** n.117, 2002, p. 81-101. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742002000300005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 25 jun. 2019.

TAMANINI, Tiago Amador. **Interfaces disciplinares: ensaios e teorizações de Práticas educativas para integrar disciplinas no ensino de Ciências.** 2018. 227 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) - Programa de pós- graduação Educação em Ciências Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/187399>. Acesso em: 23 mar. 2019.

Palavras-chave: Conteudista-crítico. Educação básica. Ensino de Ciências.